

## **O Falante do Português e a Pronúncia da Língua Inglesa**

Maria Flávia de Figueiredo Pereira Bollela<sup>1</sup>

Universidade de Franca (Brasil)

Ao aprendermos uma língua, estamos adentrando um novo campo sintático, semântico, lexical e fonológico. E esse ensino, além da escrita, deve privilegiar a comunicação oral que ocupa lugar de destaque no mundo globalizado.

Isto porque, nos tempos atuais, com a TV a cabo, computadores multimídia ligados a *internet* e inumeráveis meios de comunicação, já não se justifica uma pronúncia inadequada, anteriormente passada pelos professores aos alunos, quando o *Grammar-Translation Method* deixava seus resquícios, priorizando apenas a gramática e a escrita.

No Brasil, como professora de Língua Inglesa no Curso de Letras de uma Universidade, recebo, constantemente, alunos com pronúncia imprópria desse idioma. E pude comprovar que essa impropriedade se origina, em sua maioria, dos professores; pois estes também têm pronúncia inadequada do idioma que ministram.

Sendo assim, o ensino da Língua Inglesa é um desafio, e faz-se necessário dar aos alunos uma formação consistente em pronúncia, para que eles possam multiplicar seu aprendizado. Há uma necessidade de se formarem professores aptos a utilizar qualquer tipo de metodologia e com bagagem para transmitirem com segurança uma pronúncia legítima do idioma, lançando mão de todos os recursos que o mundo atual nos proporciona.

Para isso, é necessário que façamos uma desmitificação das dificuldades que áreas como a fonética e a fonologia possam apresentar. No presente artigo, serão apresentadas formas simplificadas de lidar com a fonética, a fonologia, a prosódia, problemas de ordem segmental e supra-segmental, que afetam sobremaneira a pronúncia da língua inglesa. Com tais medidas, mesmo um professor leigo poderá transmitir o idioma com acuidade e segurança.

Esse artigo se enquadra no âmbito da Linguística Aplicada e tem como área de concentração o ensino/aprendizagem do Inglês como Língua Estrangeira.

Dentro da vasta gama que abrange o ensino da Língua Inglesa, faremos uma análise das tendências atuais para o ensino da pronúncia desse idioma.

Como ponto de partida, é necessário lembrar que o ensino da pronúncia compreende aspectos segmentais e supra-segmentais, sendo que os segmentais se referem aos sons das vogais e das consoantes isoladamente, enquanto os supra-segmentais compreendem, entre outros, a entoação, a prosódia e o ritmo.

As tendências atuais para o ensino da pronúncia do inglês privilegiam os aspectos supra-segmentais em detrimento dos segmentais, ou seja, sugerem que se priorize o ensino de aspectos como entoação e ritmo, deixando de lado distinções como as dos pares mínimos *beat/bit*, *bad/bed* que vinham sendo largamente enfatizados em cursos de pronúncia.

Estudos recentes mostram que os fatores de ordem supra-segmental são os que de fato interferem na inteligibilidade de um enunciado. Lembrando que

uma pronúncia adequada é aquela que se faz inteligível e não necessariamente uma pronúncia livre de sotaque.

Aproveito o momento para fazer uma alusão a esses teóricos:

*Gilbert, 1984; Pennington and Richards, 1986; Wong, 1987; Mc Nerney and Mendelsohn, 1987; and Kenworthy, 1987; have discussed the relative importance of segmentals (consonants and vowels) and suprasegmentals (stress, rhythm and intonation) in intelligibility, and a consensus exists that, whereas both aspects of pronunciation are important, the most critical area is that of suprasegmentals. (Anderson-Hsieh, 1995)*

Dada a relevância dos aspectos supra-segmentais para a pronúncia, lembremos algumas características importantes da língua portuguesa de Portugal, que proporcionam aos portugueses melhores condições no aprendizado da pronúncia do Inglês, quando comparados com os brasileiros.

São dois os aspectos primordiais:

1. No português europeu, assim como no Inglês, o ritmo é acentual, enquanto no português do Brasil, encontramos uma tendência para o ritmo silábico, havendo então uma combinação entre o ritmo acentual e o silábico. Esse aspecto de ordem supra-segmental dispensa os portugueses da ênfase ao ritmo no ensino da Língua Inglesa, pois eles poderão transmitir para o inglês a estrutura rítmica a que já estão habituados. Nesse aspecto, os brasileiros levam desvantagem, pois, ao efetuarem a transferência lingüística (do português para o inglês), o que chamamos de *cross linguistics influence*, afetarão sobremaneira a pronúncia do

inglês e tenderão, inclusive, a acrescentar sílabas onde não há. Vejam uma citação de Anderson (1995) sobre esse aspecto:

*Appropriate rhythm, or the timing of syllables and accents, is also important for intelligibility. A staccato, syllable-timed rhythm is difficult for native speakers to understand not only because it is out of step with English rhythm but also because the unstressed syllables and function words are not sufficiently reduced, making it difficult for the listener to hear the content words and the accents, which carry the major meaning. (Anderson-Hsieh, 1995)*

2. Um segundo aspecto, agora de ordem segmental, é que no português europeu há um grau de redução vocálica bem mais acentuado do que no português do Brasil. Essa redução pode ser muito elevada, chegando até mesmo a causar uma queda de vogais em certos contextos fonológicos do português europeu. Esse aspecto facilitará para os portugueses a produção do SCHWA (vogal neutra que ocorre em sílabas átonas e que pode ser representada ortograficamente por todas as vogais). Sendo o SCHWA o som vocálico de maior ocorrência no inglês, os portugueses também sairão com vantagem nesse aspecto, pois os brasileiros tendem a pronunciar os sons representados ortograficamente. Lembremos um trecho de Avery & Ehrlich:

*Many of the mispronunciations of Portuguese speakers can be traced to the influence of the Portuguese spelling system rather than to an inability to produce particular sounds. (Avery & Ehrlich, 1992, p. 145)*

Evidencia-se, então, a necessidade da inserção do alfabeto fonético desde o início da aprendizagem, pois os falantes de português se apoiam, erroneamente, na ortografia, pelo simples fato de o inglês também se utilizar do alfabeto romano. Desde o princípio, devemos deixar bem claro que a familiaridade com o alfabeto romano não é de todo benéfica, uma vez que os sons do inglês nem sempre correspondem aos sons do português.

Foram mencionados dois aspectos relevantes do português europeu, porém é importante notar que há vários outros fatores que interferem na pronúncia do inglês. Com essa análise de interferências, podemos levantar as diferentes opções de enfoque que poderão ser utilizados no ensino da pronúncia desse idioma.

Um grupo monolíngüe, sem dúvida alguma, sempre facilitará a escolha de um enfoque direcionado, ou seja, o ensino deverá se voltar para as dificuldades específicas daquele grupo.

Porém, quando comparados o português do Brasil e o português europeu, fica claro que o termo *monolíngüe* é muito abrangente, e o professor, ao fazer sua opção de enfoque, deverá levar em conta a origem dos falantes, isto é, se são, por exemplo, portugueses ou brasileiros, e até dentro do mesmo país, as distinções regionais poderão levar a opções diferenciadas de enfoque.

Cabe, portanto, a nós, pesquisadores, estabelecer pontes e criar maneiras de percorrer o universo da pronúncia sem tantos obstáculos.

Esse artigo tem por objetivo contribuir para uma maior conscientização do ensino da pronúncia inglesa e uma melhor análise dos dados lingüísticos que os falantes trazem de suas línguas maternas.

Que as idéias mencionadas sirvam, de alguma forma, para desmitificar as dificuldades trazidas pela inclusão de aspectos da pronúncia em aulas de Inglês para qualquer nível.

## **BIBLIOGRAFIA**

- ANDERSON-HSIEH, J. Pronunciation factors affecting intelligibility in speakers of English as a foreign language. *Speak Out!*, Aug., 1995.
- AVERY, Peter, EHRLICH, Susan. *Teching American English pronunciation*. Oxford: Oxford University Press, 1992.

---

<sup>i</sup> MARIA FLÁVIA DE FIGUEIREDO PEREIRA BOLLELA é Coordenadora dos Cursos de Letras e Tradutor/Intérprete e Professora de Língua Inglesa da Universidade de Franca. É bacharel e licenciada em Letras pela UNICAMP, com especialização em Línguas Estrangeiras na Universidade de Nova York (SUNY ALBANY).